

Introdução

Xenofonte nasceu em Atenas por volta de 430 a.C. Proveniente de uma família rica e bem relacionada, terá sido um dos discípulos de Sócrates, sobre quem deixará considerável literatura.

Em 401 a.C. junta-se ao príncipe persa Ciro, o Jovem, quando este prepara uma expedição ao interior da Ásia para tomar o trono ao seu irmão Artaxerxes. Essa expedição fracassa no campo de batalha de Cunaxa, onde Ciro é morto. A marcha para o interior e a acidentada retirada do exército de mercenários grego, do qual Xenofonte se torna um dos principais comandantes, é por ele narrada brilhantemente na sua *Anábase*.

Impedido de regressar a Atenas após o regresso do exército à Grécia, dada a sua participação nessa expedição, Xenofonte e os seus companheiros entram ao serviço de Esparta até à Paz do Rei, em 386 a.C.

Durante esse serviço, Xenofonte torna-se íntimo de Agesilau, um dos reis de Esparta, e acaba por receber uma propriedade em Cilonte, perto de Olímpia, por serviços prestados.

É aí que leva uma vida de proprietário rural e começa a sua carreira de escritor. Em 371 a.C., após a derrota de Esparta na batalha de Leuctras, aquela perde o controlo da zona de Cilonte e Xenofonte é forçado a mudar-se para Corinto, onde continua a escrever. Sabe-se que ainda deveria estar vivo em 355 a.C., e a sua morte deve situar-se pouco depois dessa data.

Existem duas teorias relativamente ao período em que Xenofonte terá escrito a Ciropédia. Alguns autores são da opinião que a Ciropédia, assim como os seus escritos socráticos, pertencem ao período da sua

INTRODUÇÃO

estadia em Cilonte, e que Xenofonte terá acrescentado o capítulo 8 do Livro 8 no final da década de 360¹.

Outros autores são da opinião que a *Ciropédia* terá sido escrita apenas de uma vez e, como tal, pertencerá inteiramente ao final da década de 360 a.C.²

Xenofonte escreveu a *Ciropédia*, como ele próprio nos diz no seu Livro I, em busca do líder ideal. A “Educação de Ciro” é, portanto, uma obra em que se pode ler não só como Ciro aprende a ser líder, mas também como ele ensina os outros a o serem.

Tendo escolhido uma pessoa histórica como seu objeto, não se pode, no entanto, concluir que a *Ciropédia* tinha intenção de ser historicamente fiável. É antes uma novelização da vida de Ciro, em parte contendo detalhes reais, na sua maioria contendo elementos inseridos e inventados por Xenofonte para suportar os seus argumentos ou o drama da narrativa. Na obra é, sobretudo, notória a presença de elementos da sociedade de Esparta³.

A *Ciropédia* foi muito influente na antiguidade, sendo provavelmente até mais conhecida do que a *Anábase*. Era lida e utilizada de modo semelhante ao dos nossos contemporâneos, que leem Maquiavel ou Sun Tzu para interiorizarem os princípios básicos da liderança — no que certamente mantém relevância ainda hoje — e aprenderem alguns

¹ Esta é, por exemplo, a opinião de Cawkwell. Vide George Cawkwell, *When, How and Why did Xenophon write the Anabasis?*. In: Lane Fox, R. (Ed.), *The Long March: Xenophon and the Ten Thousand*, pp. 47-67, Newhaven, 2004.

Em 8.4.4, Xenofonte faz referência a acontecimentos ocorridos durante a revolta dos sátrapas, em 362 a.C. e, portanto, este capítulo não pode ser anterior a essa data.

² Vide por exemplo Dakyns, *Cyropaedia: The Education of Cyrus*, Gloucester, 2008. Este autor nota já uma tendência para o desastre da Pérsia em capítulos anteriores ao final e chama também a atenção para a analogia com o relato de Xenofonte da degeneração espartana no capítulo 14 da *Constituição de Esparta*, que lhe é incontestavelmente atribuído.

³ Vide Nadon, *Xenophon's Prince: Republic and Empire in the Cyropaedia*, Berkeley, 2001, pp. 29-42, para uma discussão da extensão em que a *Ciropédia* se baseia na sociedade de Esparta.

estratagemas. Segundo Cícero, Cipião, o Africano, o general romano responsável pela derrota do cartaginês Aníbal, nunca se separava de uma cópia da obra. Encontramos também provas nas obras de Cícero, César, Frontino, Tácito ou Arriano que estes estavam familiarizados com a obra. Cícero chega mesmo a gabar-se de ter posto em prática os seus ensinamentos durante o período em que foi governador da Cilícia⁴.

Já não é assim hoje em dia, não só porque muitos dos conselhos relativos ao treino e tática militar seriam apenas aplicáveis à sua época, mas também porque a reputação de Xenofonte como pensador de elevada categoria e como historiador fiável se encontra, em parte injustamente, muito abalada.

Xenofonte decidiu usar como base histórica para o seu líder ideal o rei persa Ciro II. Ciro terá nascido cerca do ano 590 a.C., sucedendo a seu pai, Cambises, em 559 a.C., como rei de uma parte da Pérsia.

Inicialmente o seu reino estava sujeito à suserania dos Medos. Ciro conquista sucessivamente a Média (c.553–549 a.C.) com o apoio de parte da nobreza meda; o reino da Lídia e toda a Ásia Menor (c.547–542 a.C.); e a Babilónia (539 a.C.), entrando nesta cidade após as suas tropas desviarem as águas do Eufrates, conforme também é relatado na *Ciropédia*.

Contrariando o relato desta obra, Ciro terá morrido, segundo Heródoto e Ctésias, no decurso de uma campanha na fronteira norte do seu império, em 530 a.C.

Na data da sua morte, o Império Persa era o estado com maior extensão territorial que a história da humanidade até aí presenciara. A sua criação e manutenção devem-se não só aos feitos de Ciro no campo de batalha, mas sobretudo às suas qualidades de estadista, que permitiram a

⁴ Cícero, *Ad. Fam.* 9.25.2

INTRODUÇÃO

criação de grande parte da infraestrutura política necessária à sobrevivência do Império Persa por mais dois séculos.

João Félix Pereira nasceu em 1822. Formou-se em Medicina e Letras, mas exerceu a profissão de médico durante apenas um ano. Dedicou-se ao ensino e à escrita, tendo obras publicadas nas áreas da medicina, história, filologia, agricultura, economia e ciências naturais. Nas suas traduções do grego, encontram-se também a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero, Píndaro, Hesíodo e Esopo. A sua *Cyropedia ou História de Ciro*, de Xenofonte, data de 1854. Faleceu em 1891.

Este texto segue a tradução realizada por João Félix Pereira com algumas alterações. Estas podem ser encontradas sobretudo ao nível da grafia e da substituição de alguns vocábulos utilizados pelo tradutor por outros que sejam mais familiares para um leitor atual. Foram também inseridas marcas no texto para permitir a localização das citações realizadas recorrendo à organização helenística, o que não existia na edição consultada.

Optou-se por não alterar substancialmente a tradução do grego feita pelo autor. Ainda assim, foram alteradas todas as menções de divindades romanas para o original grego: Vesta para Héstia, Júpiter para Zeus, Hércules para Hércles, etc. As formações militares, que usavam muitas vezes denominações de origem romana, como coorte ou centúria, foram mudadas para formações da atualidade. Foram também acrescentadas as traduções de excertos com carácter sexual ou outros que foram suprimidas completamente na edição original, a saber:

- 1.4.27 e 1.4.28;
- no final de 1.6.34;
- o príncipe Gadatas, castrado pelo rei da Assíria, que surge no livro V, que na tradução realizada padecia de outra injúria;
- 5.4.31;

CIROPÉDIA: A EDUCAÇÃO DE CIRO

— 8.2.5–6, onde Xenofonte fala do que hoje a teoria económica denomina por economias de escala;

— 8.2.11–12, o relato da criação do corpo de “olhos e ouvidos do rei”;

— 8.2.20–22;

— 8.2.26–28;

— 8.3.5–8, 8.3.19–23, 8.3.26–32 e 8.3.33–50, que se referem geralmente às atividades de Feraulas;

— 8.4.5–27, o banquete final.

A tradução de todos estes capítulos, assim como as várias notas que acompanham o texto e que pretendem apenas ajudar a uma leitura mais fácil, são da responsabilidade do autor da introdução.

caminhando sem mais sobressaltos, animados por estes sinais, que julgavam ser do Deus máximo, cujos prodígios são sempre claros.

(2) Durante a marcha, Cambises proferiu as seguintes palavras a Ciro:

— Meu filho, que os Deuses te acompanhem propícios e benignos, tal como claramente se vê nos sacrifícios e sinais celestes. Deves saber isso, porque te instruí propositadamente para que não precisasses de recorrer a outros intérpretes a fim de saber os desígnios das divindades, e também para que, ao veres e ouvires os seus sinais, interpretasses esses desígnios sem recorrer aos adivinhos. Isto porque os adivinhos, se quizerem, podem enganar-te, prognosticando coisas diferentes daquelas que os deuses anunciam. Instruí-te deste modo também para que, não tendo adivinho, não ficasses perplexo à vista dos milagres. Enfim, para que, ao teres conhecimento da vontade dos deuses através da arte dos presságios, desempenhes o teu dever para com eles.

(3) — Meu pai — disse Ciro — enquanto dono das minhas faculdades, terei sempre o cuidado de usar e aproveitar todos os vossos conselhos, para que os Deuses queiram sempre dar-nos auspícios favoráveis. Lembro-me de vos ouvir dizer que quem dirige as suas preces aos deuses, tal como aos homens, recebe mais facilmente os efeitos da sua benevolência se suplicar em tempo de prosperidade, em vez de só recorrer a eles em tempo de fatalidade. Também dizeis que devia haver o mesmo comportamento para com os amigos.

(4) — Meu filho, procedendo assim, apresentas, com confiança, as tuas súplicas perante os deuses e esperas ser ouvido, porque a tua consciência te está a dizer que nunca os desprezaste.

— Meu pai, tenho um forte pressentimento que me diz que os deuses me são favoráveis.

(5) — Lembras-te ainda, meu filho, daquela doutrina com a qual ambos concordávamos, que diz que as dádivas dos deuses são mais facilmente obtidas pelo sábio do que pelo ignorante? E que o homem

trabalhador tira mais fruto do seu trabalho do que o negligente? E que o cuidadoso vive com mais segurança que o desleixado? E também que, sem sermos pontuais no desempenho dos nossos deveres, não devemos implorar a proteção divina?

(6) — É verdade — respondeu Ciro. — Lembro-me muito bem! Jamais deixaria de concordar com tal doutrina. Igualmente vos ouvia dizer, repetidas vezes, que não é justo que um ignorante na arte da equitação peça aos deuses uma vitória equestre e que aquele que não sabe manusear um arco peça para vencer com esta arma aquele que nele se instruiu. Ou ainda aquele que, não sabendo tripular um navio, peça aos deuses para o salvar, ou o que sem ter semeado peça para colher bom trigo, ou aquele que não toma as necessárias precauções peça para que o livre dos perigos da guerra. Acrescentáveis que tais súplicas eram contrárias às leis divinas e que tais suplicantes não deviam ser ouvidos pelos deuses, tal como também os homens não aceitam petições ilegítimas.

(7) — Esquecias-te, meu filho, daquilo que um dia pensávamos? — perguntou Cambises — Isto é: que aquele que, através de uma ação justa, abastava abundantemente a sua família das coisas necessárias à vida, devia ser considerado um homem correto? E que se esse homem fosse merecedor dos maiores elogios, devido ao seu comportamento, devia também ser objeto de maior admiração aquele que, governando os outros homens, mantivesse uma postura simples, servindo-lhes de exemplo e envolvendo-os no círculo das suas obrigações?

(8) — Lembro-me muito bem — referiu Ciro. E também referistes que saber governar bem seria uma virtude muito recomendável. E ainda hoje penso do mesmo modo, quando contemplo com maturidade a arte de governar. Mas quando olho em volta para os outros povos, para os seus chefes e para o seu atrevimento de voltar as armas contra nós, parece-me vergonhoso temer tal gente e recusar enfrentá-la. Todos eles, começando pelos nossos aliados, estão convencidos que os reis se devem distinguir dos seus súbditos: comer mais sumptuosamente, possuir maio-

res riquezas, dormir mais e trabalhar menos. Eu, pelo contrário, estou convicto de que a diferença de um chefe de estado em relação aos seus súbditos está, não nas comodidades da vida, mas na sua vigilância e no amor ao trabalho.

(9) — Mas, filho, há certas dificuldades que não dependem dos homens, mas da natureza das coisas e que só a muito custo se vencem. Por exemplo, tu sabes que se faltarem mantimentos ao exército, o teu poder sobre ele acabará.

— Ciaxares prometeu fornecer mantimentos a todas as tropas que daqui forem.

— Tu vais esperançado no dinheiro de Ciaxares?

— Vou.

— E sabes o estado das suas finanças?

— Não.

— Então depositas a tua confiança numa coisa da qual não tens verdadeiro conhecimento? Não sabes que tens de fazer face a muitas necessidades e que agora mesmo és forçado a fazer muitas e diversas despesas?

— Eu sei disso.

— O que acontecerá ao teu exército, se faltar dinheiro a Ciaxares, ou se ele não quiser cumprir a palavra que te deu? De certeza que não há-de ficar bem.

— Mas, meu pai, se conheceis algum meio que esteja ao meu alcance para remediar esse problema, declarai-o enquanto estamos em terras amistosas.

(10) — *Ciro*, perguntas se tens algum meio ao teu alcance? Pois ao alcance de quem há-de estar a maneira de aprovisionar um exército, senão do que tem as rédeas do seu comando? Tu levas da Pérsia um exército de infantaria tão valioso que não o trocarias por outro muito maior e juntar-se-á a ele a cavalaria dos medos, a melhor que se conhece. Qual das nações limítrofes te deixará de obedecer, caso queira atrair a tua estima e receie alguma calamidade? Tem sempre em vista o aprovisio-

namento do exército nos teus encontros com Ciaxares. Mesmo para o exercício dos soldados, é bom que os empregues na aquisição dos mantimentos. E lembra-te principalmente deste meu conselho: que não é quando surge a necessidade que deves pensar nas provisões, mas sim enquanto tiveres abundância de mantimentos. Vai-te sempre prevenindo para o tempo de escassez. Os teus pedidos serão mais facilmente atendidos se se souber que estás bem abastecido e, deste modo, os teus soldados não terão razão de queixa. Além disso, serás mais respeitado e as tuas tropas obedecer-te-ão melhor, quer tu queiras destruir algum inimigo, quer queiras favorecer algum aliado. Nota que, quando puderes mostrar que tens forças suficientes para fazer bem e mal, os teus discursos serão mais persuasivos.

(11) Ciro replicou:

— Não só tem um fundamento sólido o que acabais de me dizer, mas também é certo que os soldados não têm que me agradecer o soldo que hão de receber. E como sabem as condições com que Ciaxares os chama em seu auxílio, tudo o que receberem além do que foi estipulado será obtido por eles como um galardão dos seus serviços. E será enorme o seu reconhecimento. Meu pai, por acaso pensais que um general que tem às suas ordens um exército com que pode retribuir os favores dos seus amigos e vingar-se dos seus inimigos e que, no entanto, não o aprovisiona, será digno de menor insulto do que um lavrador que, tendo terras e trabalhadores para as cultivar, as deixa ficar de pousio? Podeis ter a certeza de que nunca hei de ser negligente no aprovisionamento do exército, quer em territórios aliados, quer em inimigos.

(12) — Lembras-te, meu filho, das outras coisas que nos pareciam de extrema importância não perder de vista?

Ciro respondeu:

— Recordo-me muito bem. Um dia, quando vos fui pedir dinheiro para pagar ao mestre que dizia ter-me instruído na ciência de general, destes-mo e tivestes comigo este diálogo: — «O teu mestre deu-te algu-

ma lição de economia doméstica, visto que os soldados num exército têm tanta necessidade de provisões como os empregados de uma casa? — Não. — Deu-te alguma lição acerca do modo de preservar a saúde e o vigor dos soldados, uma vez que este fator necessita tanto da atenção do general como a estratégia propriamente dita?

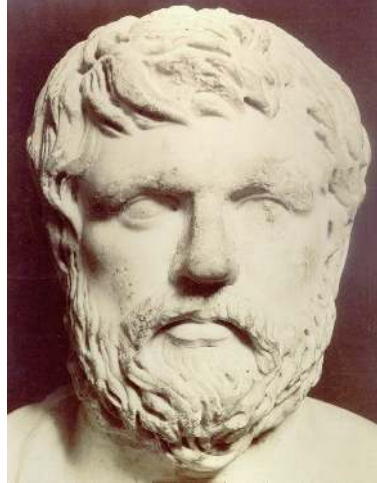
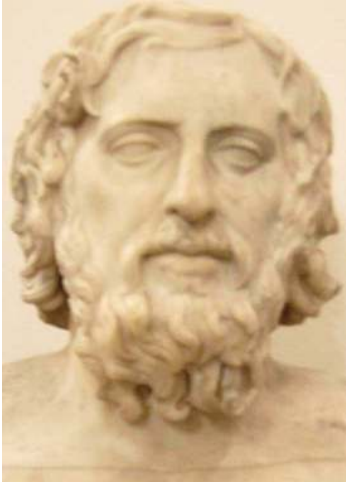
(13) — «Não. — Ensinou-te o modo de instruir os soldados nos exercícios guerreiros? — Não. — Ensinou-te a incutir entusiasmo às tropas, uma vez que é o entusiasmo que constitui a principal diferença entre os exércitos? — Não. — Fez-te algum discurso a respeito do método de conter os soldados nos limites da obediência?

(14) — «Não. — Então no que te instruiu o teu mestre, para dizer que te ensinou a ciência de um general? — Ensinou-me a tática militar. — Oh! A tática militar! De que utilidade será a tática militar, sem provisões, sem saúde, sem saber as invenções da arte na guerra e sem a obediência dos soldados?! A tática é apenas um pequeno ramo da ciência de um general. — Podeis vós — perguntei eu — ensinar-me todas essas coisas? — Vai ter com pessoas instruídas nestas matérias e escuta os seus discursos sobre cada uma delas.»

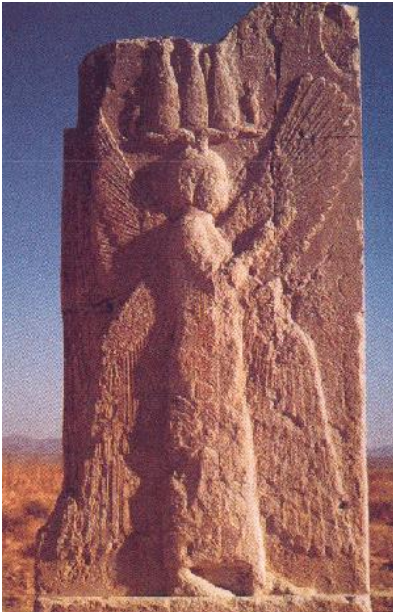
(15) Depois de termos este diálogo, contactei com pessoas que tinham fama de serem conhecedoras dessas doutrinas. Quanto a mantimentos, estou convencido que Ciaxares nos fornecerá o suficiente. Relativamente à saúde, ouvi e vi que não é só nas cidades, onde se quer alcançar boa saúde, que se escolhem médicos, mas também que os generais costumam levar médicos nas suas expedições para curar os soldados. Assim, logo que ascendi a este posto, tratei deste assunto e creio que trago comigo muito bons médicos.

Posto isto, Cambises arguiu:

(16) — Meu filho, os médicos são como os que remendam vestidos, porque só curam depois de as doenças terem surgido no corpo humano. Preveni-las é que te deve preocupar mais, pelo que deverás ter grande cuidado para que os soldados não adoeçam.



Acima: Duas representações de Xenofone. À esquerda, busto no *Altes Museum, Berlim*; À direita, busto no *Museu do Prado*, em Madrid.



À esquerda: Baixo Relevo de figura coroada com quatro asas que se pensa representar *Ciro, o Grande (Pasárgada, Irão)*.

Os dois cornos da coroa, que tem elementos egípcios, são mencionados na Bíblia. As asas são símbolos persas.



À esquerda: Creso, rei da Lídia (c.560-547 a.C.)

Pormento de uma ânfora ática c.500-490 a.C.— Museu do Louvre, Paris.

Abaixo: Túmulo em Pasárgada, Irão, geralmente identificado como pertencendo a Ciro, o Grande.

Segundo Plutarco (*Vida de Alexandre*, 69.4), sobre o túmulo estaria a seguinte inscrição: “Homem, quem quer que sejas e de onde quer que venhas — pois eu sei que virás — eu sou Ciro, e dei aos persas o seu Império. Não me invejes, portanto, esta pouca terra que cobre o meu corpo”.

